Revista Diversidade e Educação

PROFESSORAS NEGRAS LÉSBICAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: ESCREVIVÊNCIAS DOCENTES COMO ATO POLÍTICO.

PROFESORAS NEGRAS LESBIANAS EN LA UNIVERSIDAD PÚBLICA: ESCRITOVIVENCIAS DOCENTES COMO ACTO POLÍTICO.

BLACK LESBIAN PROFESSORS AT THE PUBLIC UNIVERSITY: TEACHING "ESCREVIVÊNCIAS" AS A POLITICAL ACT

Gersier Ribeiro dos Santos [1]

RESUMO
Este artigo discute a atuação de professoras negras lésbicas na universidade pública, compreendendo suas escrevivências docentes como práticas políticas de enfrentamento às estruturas de racismo, sexismo e lesbofobia presentes no espaço acadêmico. A partir de uma perspectiva crítica e comprometida com a transformação social, analisa-se como essas docentes constroem posicionamentos militantes e produzem estratégias pedagógicas que tensionam normas institucionais, criando espaços seguros de diálogo, pertencimento e resistência. As experiências narradas revelam que tais práticas não ocorrem de forma passiva, mas envolvem disputas, alianças e movimentos coletivos que fortalecem estudantes e ampliam possibilidades de reconhecimento e dignidade. O texto defende que a docência dessas mulheres constitui um ato político capaz de inspirar futuros possíveis, ao transformar o presente por meio do conhecimento e da luta cotidiana.
PALAVRAS-CHAVE: universidade pública. Professoras negras lésbicas. Escrevivências. Docência política.

RESUMEN
Este artículo analiza la actuación de profesoras negras lesbianas en la universidad pública, comprendiendo sus escritovivencias docentes como prácticas políticas de enfrentamiento a las estructuras de racismo, sexismo y lesbofobia presentes en el espacio académico.

[1] Professora e pesquisadora, atua na educação e desenvolve estudos sobre docência, escrevivências e práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista e antihomofóbica. Mulher negra e lésbica. gessiaribeiro@gmail.com

Desde una perspectiva crítica y comprometida con la transformación social, se examina cómo estas docentes construyen posicionamientos militantes y desarrollan estrategias pedagógicas que tensionan las normas institucionales, creando espacios seguros de diálogo, pertenencia y resistencia. Las experiencias narradas revelan que dichas prácticas no ocurren de manera pasiva, sino que implican disputas, alianzas y movimientos colectivos que fortalecen al estudiantado y amplían posibilidades de reconocimiento y dignidad. El texto sostiene que la docencia de estas mujeres constituye un acto político capaz de inspirar futuros posibles, al transformar el presente mediante el conocimiento y la lucha cotidiana.
PALABRAS CLAVE: universidad pública. Profesoras negras lesbianas. Escritovivencias. Docencia política.

ABSTRACT
This article discusses the work of Black lesbian professors in the public university, understanding their teaching escrevivências as political practices that confront the structures of racism, sexism, and lesbophobia present in academic spaces. From a critical perspective committed to social transformation, it analyzes how these professors build militant standpoints and develop pedagogical strategies that challenge institutional norms, creating safe spaces for dialogue, belonging, and resistance. The narrated experiences reveal that such practices do not occur passively, but rather involve disputes, alliances, and collective movements that strengthen students and expand possibilities for recognition and dignity. The text argues that the teaching of these women constitutes a political act capable of inspiring possible futures by transforming the present through knowledge and everyday struggle.
KEYWORDS: public university. Black lesbian professors. Escrevivências. Political teaching

***

Introdução

> Jogue fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e a bússola. Sinta seu caminho sem cabrestos. Pra tocar mais pessoas, as realidades pessoais e sociais devem ser evocadas – não pela retórica, mas pelo sangue e pus e suor. [2]

A universidade pública brasileira tem sido, historicamente, marcada por disputas simbólicas e materiais relacionadas ao acesso, permanência e reconhecimento de sujeitos que, por muito tempo, foram colocados à margem dos espaços institucionais de produção de conhecimento. Embora políticas afirmativas e movimentos sociais tenham contribuído para ampliar a presença de populações negras e de grupos historicamente excluídos nesses ambientes, a universidade ainda carrega estruturas profundamente atravessadas por

[2] Trecho do texto "Falando em línguas: uma carta par mulheres escritoras do terceiro mundo".

relações de poder, silenciamentos e desigualdades. Nesse cenário, pensar a docência universitária exige compreender que ensinar não se limita a transmitir conteúdos, mas envolve posicionamentos políticos, escolhas pedagógicas e modos de existir que podem tensionar ou reafirmar normas sociais.

Dentre os sujeitos que vêm ocupando a universidade pública de forma insurgente e politicamente marcada, destacam-se as professoras negras lésbicas. A presença dessas mulheres não se resume ao ato de estar em um espaço acadêmico, mas constitui uma forma de ruptura com padrões historicamente construídos pela colonialidade, pelo racismo estrutural e pela heteronormatividade. Ao assumirem seus corpos, suas identidades e suas trajetórias, essas docentes não apenas ocupam a universidade: elas transformam esse território em campo de disputa, de resistência e de produção de sentidos. Seus modos de atuar e ensinar revelam que a docência, nesse contexto, é atravessada por vivências que produzem práticas educativas comprometidas com a justiça social e com a construção de futuros possíveis.

Compreender a atuação de professoras negras lésbicas na universidade pública implica reconhecer que suas experiências são constantemente atravessadas por múltiplas violências institucionais. Racismo, lesbofobia e sexismo se apresentam de forma explícita ou velada, muitas vezes travestidos de discursos acadêmicos supostamente neutros, meritocráticos e universalizantes. Assim, a permanência dessas mulheres no espaço universitário não é simples, tampouco tranquila. Trata-se de uma permanência conquistada por meio de enfrentamentos cotidianos, pela necessidade constante de provar legitimidade intelectual e pela luta por reconhecimento de seus saberes, suas epistemologias e seus lugares de fala. Nesse sentido, o que está em jogo não é apenas a inserção profissional dessas docentes, mas a possibilidade de produção de mudanças dentro das instituições de ensino superior.

A docência exercida por professoras negras lésbicas, portanto, pode ser compreendida como um ato político. Não apenas por suas falas e posicionamentos públicos, mas pelo modo como suas práticas pedagógicas se constroem como estratégias de sobrevivência e resistência. A sala de aula, os projetos de pesquisa, as orientações acadêmicas, as relações com estudantes e colegas tornam-se espaços onde disputas são travadas, alianças são construídas e enfrentamentos são acionados. O cotidiano acadêmico revela que essas docentes produzem movimentos de transformação que não se dão de maneira romantizada ou pacífica, mas sim através de tensões, conflitos e

negociações constantes. Ainda assim, seus percursos revelam a potência de uma docência comprometida com a produção de um mundo mais justo, sobretudo para aqueles que historicamente foram classificados como "minorias" e tiveram suas existências deslegitimadas.

A partir dessa compreensão, torna-se necessário refletir sobre como a universidade pública pode ser atravessada por práticas docentes que rompem com normas sociais e institucionais. Ao considerar a presença de professoras negras lésbicas como elemento central dessa discussão, este artigo parte do entendimento de que tais mulheres produzem deslocamentos importantes no campo educacional, pois suas vivências não são dissociadas de suas práticas profissionais. Pelo contrário: suas identidades e trajetórias funcionam como bases políticas que sustentam modos de ensinar e formar sujeitos, contribuindo para a construção de espaços acadêmicos mais críticos e democráticos.

Desse modo, este artigo se orienta pela seguinte questão norteadora: de que forma a docência de professoras negras lésbicas na universidade pública se configura como ato político e produz transformações sociais?

A partir dessa problemática, o artigo tem como objetivo geral compreender como professoras negras lésbicas atuam na universidade pública, percebendo suas práticas docentes como atos políticos que tensionam normas institucionais e produzem possibilidades de transformação social. Trata-se de reconhecer que suas experiências não podem ser reduzidas a narrativas individuais, pois se conectam a processos coletivos de resistência e luta contra estruturas históricas de opressão. Ao mesmo tempo, busca-se compreender como tais práticas docentes repercutem na formação acadêmica e humana de estudantes e na produção de ambientes institucionais mais acolhedores e críticos.

De maneira mais específica, pretende-se, inicialmente, compreender como professoras negras lésbicas constroem e afirmam seu posicionamento político no espaço universitário, considerando que tal posicionamento não se expressa apenas em discursos, mas também em gestos cotidianos, escolhas metodológicas e modos de se colocar diante das relações acadêmicas. Além disso, busca-se identificar práticas pedagógicas e estratégias de enfrentamento às opressões (racismo, lesbofobia e sexismo) no cotidiano acadêmico, observando como essas docentes produzem ações concretas para garantir espaços de pertencimento, reconhecimento e permanência digna.

Assim, discutir a atuação dessas docentes significa também valorizar epistemologias e práticas que emergem de experiências historicamente silenciadas. Ao

trazer para o centro do debate as trajetórias de professoras negras lésbicas, este artigo propõe uma reflexão que ultrapassa a análise institucional e alcança dimensões políticas, sociais e pedagógicas. Trata-se de compreender que suas presenças na universidade pública não são apenas representativas, mas profundamente transformadoras, pois abrem possibilidades de novos modos de ensinar, pesquisar e produzir conhecimento.

Um diálogo epistêmico com Audre Lorde e Conceição Evaristo

"É preciso escrever com sangue, pus e suor". Partindo dessa premissa de Anzaldúa (2000, p.62), sobre a necessidade de "pôr suas tripas no papel", de me alimentar com as palavras cruas e verdadeiras, pretendo aqui falar sobre os encontros, sobre os afetos, as experiências e aproximações de mulheres professoras-negras-lésbicas.

Pretendo trazer à tona um mergulho profundo nos espelhos d'água ancestrais das Yabás, esses espelhos de imagens móveis, de imagens várias, retorcidas e de complexas compreensões, de memórias e dissabores. Reconheço a presença dessas mulheres, compreendo a expansão de suas práticas pedagógicas e pessoais, entendendo de forma estratégica a capacidade de transmutá-las em legados políticos através de suas subjetividades e exemplos profissionais, como também em sua existência política ou atuação militante, dentro e fora do ambiente acadêmico.

Tendo em vista que unidade não significa unanimidade, e querendo fugir do perigo que os valores opressores internalizados nos impõem, a concepção que me proponho aqui não é a de estigmatizar ou limitar diante da cor, tornando as iguais. Muito pelo contrário, a força que me move é justamente essa de reconhecer, em cada mulher, um sentido potencializado através de suas diferenças. Como destaca Audre Lorde (2020), historicamente a diferença foi utilizada de forma tão cruel contra nós que, como povo, ficamos relutantes em tolerar qualquer divergência daquilo que foi definido pelos outros como negritude e, consequentemente, deixamos de entender o diverso e nossas naturezas individuais, o que implica em uma atitude perigosa de vivermos através de uma unidade que, ao contrário do que nos foi imposto, não nos fortalece, e sim, nos destrói.

Falar de cada uma dessas mulheres, suas afetações, sentimentos e experiências, é também uma forma epistêmica de reverenciar, reivindicar e enaltecer nossas metodologias e nosso modo de pesquisar, visto que:

> É na interdependência de diferenças mútuas (não dominantes) que se encontra a segurança que nos permite submergir no caos do conhecimento e retornar com as verdadeiras visões do nosso futuro, acompanhado pelo poder simultâneo de realizar as mudanças capazes de fazer nascer esse futuro. As diferenças são a bruta e poderosa conexão da qual o nosso poder pessoal é forjado (Lorde, 2020, p. 137).

Forjar nossos caminhos e outros modos de viver, como também produzir conhecimento, reconhecendo e alimentando a voraz força que existe nas nossas diferenças, potencializa um mecanismo vivo e eficaz de uma luta verdadeiramente genuína e não romantizada. É nesse sentido que essa escrita parte de uma consciência lésbica para uma compreensão de apoio compartilhado entre mulheres, tentando timidamente sonar essa imensa lacuna entre poder e mulheres, entre conhecimento e legitimidade feminina. Esta nova consciência, como destacam Sidney Abbott e Bárbara Love (1973), é arrebatadora e reflete em todas as nossas ações e interações, exigindo tomada de decisão.

Assim, as linhas a seguir se constituíram a partir de bases diversas, com o propósito de falar de mulheres inspiradoras. Deixarei escorrer as memórias e, unindo os fios de vivências, contarei histórias e lembranças sobre nós. Como enaltece Conceição Evaristo, no poema Recordar é Preciso

> O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
> A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso.
> O movimento vaivém nas águas-lembranças
> Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
> Salgando-me o rosto e o gosto.

Em “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, Conceição Evaristo (2020) faz emergir uma personagem narradora que percorre cidades em busca de mulheres que aceitem se contar, sem julgamentos prévios. Em Becos da memória (2017), a autora narra memórias vinculadas às vivências da personagem narradora com os outros personagens da trama e com o seu contexto geográfico e social. Maria Nova, menina que relata suas experiências vivências através de um processo de desfavelamento, conta, a partir do viver lembrar como cada personagem da favela lhe marcou afetivamente. Inspirada nesse movimento, que encaro também como ferramenta metodológica, narrarei, nas linhas que seguem, as afetações, subjetividades que professoras lésbicas negras despertaram no meu processo formativo, enquanto professora e pesquisadora em educação.

Maria Nova, menina personagem narradora, também fala em "Becos" de suas memórias com a sua formação escolar. Entre um momento de vivência memória e os acontecimentos sobre a favela e o seu povo, contava sobre a escola, sobre a professora, as aulas de história e a forma como ela se sentia no ambiente de ensino. Me aproximo de Maria Nova, encarando essa narrativa como uma linha de frente, das minhas lutas, reconhecendo que o meu poder e as minhas opressões nascem primeiramente da consequência do fato de ser negra e mulher.

Assumo que essa escrita é um lugar seguro, de afeto, de trocas e de generosidade. Não de uma generosidade romântica, meramente emocional, mas, de uma generosidade estratégica. Esse ato de exposição não se configura como um simples ato de narrar-se. Esse ato de se desnudar diante da outra é estratégico e intencional e tem finalidades de constituir conhecimentos diversos. Quando me ponho nua diante de outra, quando me lanço corajosamente em palavras, minhas e sobre mim, espero que esse movimento possa servir de inspiração para que aquela diante de mim, ainda vestida de medos e receios, também se jogue, também se veja na possibilidade de se desnudar, apreciando o que Audre Lorde define como destilação da experiência, "da qual brota a verdadeira poesia e que faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia e como o conhecimento faz nascer a compreensão" (Lorde, 2020, p.45).

Esse jogo também manifesta reflexos, espelhos, de visões outras. Espera-se que, ao me ver nua, a outra também possa se ver, se enxergar, se imaginar. Espera-se que outras venham em conjunto e que essa imagem, inicialmente minha, possa se configurar em imagens outras, reflexos outros, nesse mecanismo dialético de espelhos, de abebés.

Entendendo que não se parte de uma perspectiva narcisista, como afirma Conceição Evaristo, "o nosso espelho é de Oxum e de Iemanjá" e, com esses espelhos, é possível se ver, se mirar, mas, também é possível ver as outras, nossas semelhanças e, sobretudo, nossas diferenças, buscando refletir sobre o amor, entre nós, e o compartilhamento dessa energia.

Audre Lorde me diz que:

> A palavra ´erótico´ vem do grego Eros, a personificação do amor em todos os seus aspectos e representa o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres, falo daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossas linguagens, nossas histórias, nossas danças, nossos amores, nossos trabalhos, nossas vidas (Lorde, 2020, p. 70).

Quero falar a partir dessa força vital. Essa força que emana dessas mulheres, que se refletirão nesse espelho d'água. Quero falar de arrebatamentos e contagiantes arrepios, de admiração, quero falar de suspiros que não consigo explicar a real motivação, de sentimentos que não sei o que são, mas que me movem. É justamente isso que não sei denominar que chamo de erótico, e é isso que me leva a contar nossas memórias pedagógicas.

Um diálogo pedagógico

> (...) desse momento do agora tem a ver com o falar da minha pesquisa, falar de mim é falar desse lugar, desse caminho de estudo, esse caminho de pesquisa e de estudar, pensando nas meninas, especificamente, as meninas negras (..) pensando o quanto a gente não foi ouvida, enquanto a nossa infância, e que às vezes reverbera, hoje na nossa vida adulta, mostrando que a gente tem, inclusive, dificuldades de falar, por tanta negação de não ser ouvida, e essa minha pesquisa tem mexido muito comigo, justamente porque eu quero ouvir muito as meninas negras pequenas, então é pensando nisso que eu queria falar desse lugar mesmo, de mulher negra lésbica invisibilizada, desde a infância até agora na vida adulta e como isso vai reverberar no meu estar no mundo, porque, eu estou no mundo a partir disso e como isso também me dá forças para continuar seguindo e tomando algumas decisões e uma das decisões é não deixar de ouvir as meninas pequenas das escolas (Marta, 2021).

Essa fala inicial de Marta traz os silenciamentos, sobretudo das meninas pretas, meninas que fomos um dia. Ao ouvi-la falar lembrei-me de tantas e tantas vezes que fui silenciada, dentro de casa e fora dela. Lembro como ainda carrego esses silenciamentos no medo de usar palavras ou de proferi-las. É interessante notar que, ao falar de si, Marta faz um movimento de espelho, e suas palavras dizem mais sobre as outras de nós, as meninas, do que de si mesma. E, nesse movimento, dá para ver quão política é a sua atuação no mundo. É interessante também notar o movimento de ilha que ela faz enquanto professora acadêmica preocupada com seus estudos e suas pesquisas, e falo desse movimento de ilha entendendo que, ao estar na academia, produzindo conhecimentos, Marta, assim como outras mulheres professoras negras, busca, estrategicamente, fazer reparações ideológicas e epistêmicas. Não penso em ilha como isolamento, penso como refúgio, e muitas vezes essas professoras acabam fazendo esse papal de acolher as suas estudantes de forma estratégica, ou não, entendendo que elas representam para as discentes esse lugar de ter para onde ir.

Para entender essa fala de Marta me reporto a outro texto de Audre Lorde (2020, p.51) e trago suas palavras para dizer que "em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo". Quando narra sua vida, trazendo como aspecto o seu desejo de ouvir a voz das meninas negras, Marta faz aquilo que a autora define como a "transformação do silêncio em linguagem e ação" e o poder que isso revela é imaginável.

Para finalizar a minha apresentação sobre Marta, trago, não de forma menor, mas, por último, suas informações básicas. Marta é uma mulher nascida no Rio de Janeiro, com formação inicial em Pedagogia e Mestra em Educação; atualmente, trabalha em uma Universidade Estadual da Bahia, como também na Rede Municipal de Educação Básica de Salvador, onde desempenha uma longa carreira de educação com e para as crianças pequenas.

Raphaella é graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia e Mestre em Crítica Cultural pela mesma instituição; é professora de Educação Básica na Rede Municipal de ensino de Salvador e também atua no ensino superior em uma Universidade do estado da Bahia. Atualmente ela é doutoranda na Universidade Federal da Bahia.

O meu encontro, aqui, parte também desse acontecimento, parte de como essas mulheres que, assim como eu, tiveram em alguns momentos das suas vidas marcas atreladas a esse viver desigual. Mas, pretendo falar de como elas estão rasurando esse mecanismo colonial, de como estão se sobressaindo em suas posturas e práticas pedagógicas, de como estão firmando uma nova forma de fazer conhecimento e abrindo possibilidades através do afeto e do acolhimento entre pessoas que se comunicam com o corpo, com a alma, com o amor. Como enfatiza bell hooks:

> Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2019, n.p).

Pensando nessa solidariedade e afetação, entendendo o amor como uma perspectiva de revolução ancestral, encaro esse elo, que ora se faz de forma estratégica, ora acontece pela força vital, como meio possível das mudanças sociais pelas quais lutamos para legitimar. Mesmo que de forma pequena, tímida, podemos visualizar o

nosso fazer viver revolucionário, entendendo que esse pode acontecer a partir de nossas práticas e insurgências no meio educacional.

> Tem uma situação de uma menina lésbica que a mãe colocou pra fora de casa, e assim, isso Me afeta profundamente. Essa menina atua no nosso grupo de pesquisa, e a gente tá tentando de tudo para conseguir uma bolsa para ela, pra ver se a gente minimiza pelo menos a situação, porque sem assistência estudantil, não tem casa de estudante, a mãe botou pra fora, enfim, isso tem me afetado demais, né? Porque eu também me vejo nesse lugar, dessa menina negra, jovem, enfim, isso também tá girando muito na minha cabeça (Marta, 2021).

A situação narrada por Marta faz emergir uma prática docente diferenciada, uma prática docente que reconhece na dificuldade e diferença da sua estudante um meio de reparação social, pois como a interlocutora expressa, ela consegue transcender o limite profissional entre professora e estudante e se coloca nesse lugar de situação dificultosa que a sua discente enfrentou, tendo em vista as semelhanças de opressões que ambas enfrentam no compartilhamento de suas diferenças.

A generosidade expressa na prática de Marta revela uma característica importante nessa relação profissional e pessoal, entre discente e docente que se assemelham nas características do corpo e nas experiências, que é esse movimento presente no universo universitário de mulheres-negras-lésbicas e ativismo acadêmico. A atitude da professora frente à lesbofobia sofrida pela aluna revela como esse ativismo acadêmico tem possibilidade de transformações de vidas, o acolhimento, o engajamento em prol de conseguir uma bolsa para que a estudante possa se manter financeiramente; a preocupação e o desconforto em torno dessa situação revelam um sentimento de empatia e solidariedade, como também a possibilidade de um caminho funcional para uma educação mais humana e responsável com as demandas sociais. Para Gloria Anzaldúa

> Por ora, nós mulheres-de-cor temos tido mais práticas de solidariedade entre nós. Porque ocupamos espaços oprimidos similares em termos culturais e econômicos, ou por partilharmos opressões semelhantes, nós podemos criar uma solidariedade baseada em uma coalizão ‘de minoria’. Nós podemos construir alianças sobre as diferenças, mesmo em grupos que são homogêneos. Porque as pessoas-de-cor são tratadas de forma genérica pela cultura dominante- que nos vê e nos trata como partes de um todo, ao invés de como indivíduos- isso nos força a experienciarmos a nós mesmos coletivamente (Anzaldúa, 2000, p. 98).

Nessa perspectiva, quero trazer à tona a posição de Raphaella quanto a esse ativismo estratégico de reparação social feito pelas professoras negras nas universidades:

> Eu penso muito sobre a importância de nós professoras que somos identificadas e nos identificamos com essas identidades periféricas e não dialogamos com a perspectiva hegemônica, 'eu sou a lésbica, eu sou a preta' eu sinto que nós professoras que somos marcadas com essas identidades temos, sim, o compromisso intelectual, social e político que devemos exercer em qualquer lugar que a gente chegue, por isso eu penso muito nessa questão dos movimentos sociais, eu construí muito a minha identidade no movimento,hoje eu faço o movimento da sala de aula e movimentar a sala de aula talvez seja uma das maiores realizações que eu possa ter encontrado ao logo de todo esse processo. Inspirar as minhas alunas ao fazerem os penteados delas no dia da formatura, nunca fez eu me sentir tão negra e tão importante. Eu tenho um grupo de estudos com meninas negras, e ver essas meninas que estavam tão distantes da universidade, de movimento na pesquisa, porque elas eram estudantes, mães, casadas, aí a gente começou esse grupo de estudo também para falar das nossas vidas e quando eu vi que aquelas vidas estavam cheias de teorias e ai eu vi o curso terminar e aquelas meninas que mal conseguiam fazer uma resenha da disciplina, publicarem textos em uma revista e assim, se eu for pensar em quem são essas meninas, e percebo que são meninas mais velhas que eu, negras retintas, e perceber essa galera crescer, sair de relacionamentos abusivos, crescer intelectualmente, ou ver meu estudante que é gay olhar para mim e se inspirar, porque eu me coloco nesse lugar, eu coloco essa minha identidade. Eu acredito que é muito importante o ensinar e o falar, sem importar se vão ouvir ou não, fale sobre os preconceitos, fale sobre as mazelas sociais fale sobre histórias de superações, fale sobre si mesma, sempre vai ter um estudante que vai ter tocado, sempre vai ter algo que desperte a identidade de alguém (Raphaella, 2021).

Glória Anzaldúa, continua refletindo sobre essa posição ativista das mulheres e expressa que:

> Mulheres-de-cor como eu têm coisas importantes a dizer sobre alianças e coalizões. [...] Fazer parte de uma aliança e coalizões é ser ativa, uma ativista. Por que nós fazemos alianças e participamos delas? Nós estamos em busca de experiências poderosas, que façam sentido. Em busca de que nossas vidas sejam relevantes, de responder à opressão social e seus efeitos debilitantes. Ativistas estão engajadas numa jornada política. Ativistas estão alienadas da cultura dominantes, mas ao invés de retroceder, nós confrontamos, questionamos. Ser ativa corresponde a algumas necessidades básicas: catarse emocional, satisfação e epifanias políticas (Anzaldúa, 2000, p. 91).

É interessante observar como Raphaella assume esse lugar militante forjado nos movimentos sociais e como ela se apega a essas experiências para transformar e contaminar o fazer e a sua prática docente, o que pode ser comparado com os ensinamentos de Anzaldúa sobre o ativismo e o fortalecimento da união entre mulheres. No artigo intitulado "Não existe hierarquia de opressão", Audre Lorde também fala dessa postura imbricada em ser uma professora-negra-lésbica poeta-mãe.

> Nasci negra e mulher. Estou tentando me tornar a pessoa mais forte possível para usufruir a vida que me foi dada e ajudar a desencadear as mudanças em direção a um futuro aceitável para o planeta e para minhas crianças. Como negra, lésbica, socialista, mãe de dois, entre eles um menino, e integrante de um casal inter-racial, com frequência me vejo parte de um grupo em que a maioria me define como desviante, difícil, inferior ou simplesmente "errada" (Lorde, 2020, p. 63).

Partindo dessa compreensão é possível concluir que mulheres-negraslésbicas inferem nas instituições de ensino o seu posicionamento político militante, a fim de tensionar mudanças e conquistar espaços seguros de trocas de experiências e saberes com os seus pares e com os estudantes; pode-se concluir também que esse movimento revela potencialidades entre sujeitos que enxergam nessas mulheres um caminho pelo qual as suas vidas e suas realidades perpassam por possibilidades de transformação social, através do conhecimento.

Considero importante destacar que essas mudanças não se dão de forma passiva ou romantizada, como ficou evidente nas falas destacadas anteriormente. Lutas são travadas, alianças são feitas e disputas são acionadas, no sentido de garantir sobrevivências dignas, respeitos e possibilidades de um futuro esperançoso para aqueles que se sentem dentro dessa perspectiva social de 'minorias' pois a proposta freiriana argumenta que futuro vai acontecendo, "[...] na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro: por isso, então a história é possibilidade e não determinação" (Freire, 1991, p. 90).

Considerações finais

A partir das reflexões apresentadas neste artigo, é possível compreender que a presença de professoras negras lésbicas na universidade pública ultrapassa o campo simbólico da representatividade e se configura como uma ação concreta de enfrentamento às estruturas históricas que sustentam desigualdades no espaço acadêmico.

Suas trajetórias não podem ser reduzidas a um marco individual de ascensão, pois evidenciam processos coletivos de resistência e de disputa por legitimidade dentro de uma instituição que, embora se anuncie como espaço democrático e plural, ainda mantém práticas e lógicas de exclusão atravessadas pelo racismo, pelo sexismo e pela heteronormatividade. Assim, torna-se evidente que o ambiente universitário não é neutro: ele é constituído por relações de poder que definem quais corpos são reconhecidos como

legítimos produtores de conhecimento e quais sujeitos são empurrados para a invisibilidade.

Nesse sentido, a docência exercida por essas mulheres não pode ser interpretada como apenas técnica ou restrita ao domínio pedagógico, pois carrega um posicionamento político que se manifesta tanto no discurso quanto, sobretudo, na prática cotidiana. A forma como ocupam espaços institucionais, constroem relações acadêmicas, orientam estudantes, selecionam referências teóricas e conduzem suas pesquisas revela uma docência implicada, atravessada por experiências concretas de desigualdade e por um compromisso ético com a transformação social. Suas presenças tensionam normas silenciosas que sustentam a universidade, questionando a ideia de universalidade do conhecimento e denunciando os mecanismos que historicamente consolidaram a produção intelectual a partir de perspectivas brancas, masculinas e heterocentradas.

Ao longo da discussão, observou-se que essas docentes constroem e afirmam seu posicionamento político não apenas por meio de falas explícitas ou militâncias formais, mas principalmente por meio de suas escolhas pedagógicas, de seus modos de existir e de se posicionar diante das relações acadêmicas.

Dessa forma, a docência se revela como território de disputa e, simultaneamente, como espaço de criação de possibilidades. Ao assumirem seus corpos e suas identidades no cotidiano universitário, professoras negras lésbicas produzem movimentos de resistência que não se restringem à sua sobrevivência individual, mas se ampliam para dimensões coletivas, fortalecendo estudantes e outros sujeitos que se reconhecem em suas vivências e enfrentamentos. Sua atuação contribui para a ampliação das narrativas acadêmicas, abrindo brechas para novas epistemologias e para outras formas de compreender educação, ciência e sociedade.

Conclui-se, portanto, que essas professoras não apenas ocupam a universidade pública: elas a reconfiguram, ao deslocarem padrões hegemônicos e afirmarem a legitimidade de experiências historicamente marginalizadas. Reconhecer suas práticas como intelectuais e políticas significa compreender que suas escrevivências docentes são também produções de conhecimento e de memória, capazes de desafiar estruturas institucionais e de inspirar mudanças profundas.

Assim, a presença de professoras negras lésbicas na universidade deve ser compreendida como parte fundamental da luta por justiça social e epistemológica, pois suas trajetórias revelam que educar, nesse contexto, é também resistir, afirmar existências

e produzir novos caminhos para a construção de uma universidade verdadeiramente democrática, fortalecendo assim, a compreensão social sobre uma educação que foge dos modelos vigentes e transformam vidas individuais e coletivas e que contribui significativamente para um bem viver e um mundo melhor.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106. Acesso em: 16 set. 2021

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017

EVARISTO, Conceição. **Colóquio de escritoras mineiras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2020

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2015

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020

Recebido em abril de 2026.
Aprovado em julho de 2026.